

CREPÚSCULO DOS DITADORES? REPRESENTAÇÕES SOBRE STROESSNER E SEU GOVERNO N'O GLOBO

Autoritarismo, progresso e anticomunismo (1956-1961)

TWILIGHT OF THE DICTATORS? REPRESENTATIONS OF STROESSNER AND HIS GOVERNMENT IN O GLOBO

Authoritarianism, progress and anticomunism (1956-1961)

PAULO RENATO DA SILVA¹

WALDSON DE ALMEIDA DIAS JÚNIOR²

RESUMO

Baseado em autores como Roger Chartier e Norberto Bobbio, o objetivo do artigo é analisar as representações sobre Stroessner e seu governo n'*O Globo* durante o governo de Juscelino Kubitschek no Brasil (1956-1961). O jornal, representante de grupos liberais brasileiros, abriu espaço para a aproximação entre Brasil e Paraguai em nome do desenvolvimento e combate ao comunismo. Contudo, também noticiou o autoritarismo da ditadura paraguaia. O artigo demonstra que havia um foco de tensão com Stroessner n'*O Globo* – e outros meios, agências e entidades de imprensa –, apesar do anticomunismo em comum. Analisamos as representações divergentes sobre Stroessner e seu governo n'*O Globo* a partir das relações – instáveis – entre liberalismo e democracia.

Palavras-chave: Brasil. Paraguai. Stroessner. Imprensa.

ABSTRACT

Based on authors such as Roger Chartier and Norberto Bobbio, this article aims to analyze the representations of Stroessner and his government in *O Globo* during the Juscelino Kubitschek's presidency in Brazil (1956-1961). The newspaper, representing Brazilian liberal groups, supported the rapprochement between Brazil and Paraguay in the name of development and the fight against communism. However, it also reported on the authoritarianism of the Paraguayan dictatorship. The article demonstrates that there was a tension with Stroessner in *O Globo* – and other liberal media outlets, agencies and press organizations – despite their shared anti-communism. We analyze the divergent representations of Stroessner and his government in *O Globo* based on the – unstable – relationship between liberalism and democracy.

¹ Doutor em História (2009) pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e professor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) desde 2010. E-mail: paulo.silva@unila.edu.br

² Mestre em Estudos Latino-Americanos (2018) pela UNILA e professor da Secretaria de Estado da Educação do Paraná desde 2015. E-mail: waldsonjr_net@hotmail.com

Keywords: Brazil. Paraguay. Stroessner. Press.

INTRODUÇÃO

A ditadura do general Alfredo Stroessner (1954-1989) no Paraguai foi marcada pelo aprofundamento das relações com o Brasil, ainda que acordos e ações entre os dois países existissem pelo menos desde a década de 1930 em áreas como educação, cultura, defesa e transportes, dentre outras. (DORATIOTO, 2012).

No Brasil, o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961) – daqui em diante JK – foi decisivo para o aprofundamento das relações entre os dois países. A Ponte da Amizade, um dos principais símbolos das relações Paraguai-Brasil, começou a ser construída nesse período.³

Apesar do poderio e dos interesses brasileiros sobre o Paraguai, Stroessner e seu governo despertaram questionamentos entre setores da sociedade brasileira. O objetivo do artigo é analisar representações sobre Stroessner e seu governo no jornal *O Globo* durante o governo JK. *O Globo*, representante de grupos liberais brasileiros, era favorável à aproximação entre os dois países e a obras como a Ponte da Amizade. Porém, no plano político, veiculou naqueles anos representações divergentes sobre Stroessner e seu governo, ora como “democráticos”, ora como autoritários. Ainda que as críticas ao autoritarismo não tenham sido marcadas necessariamente por questionamentos à aproximação entre os dois países, indicam que havia um foco de tensão com Stroessner na imprensa brasileira – e de outros países. Alfredo da Mota Menezes lembra que “aqueles primeiros passos na relação entre o Brasil e o Paraguai aconteciam no momento máximo do experimento democrático em terras brasileiras” (MENEZES, 1987, p. 63), o que motivou críticas à política exterior brasileira.

As representações divergentes sobre Stroessner e seu governo no *O Globo* indicam o que aponta Roger Chartier. Segundo o autor, as “lutas de representações” permitem “compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são

³ A Ponte da Amizade facilitou o trânsito e o comércio entre os dois países e ajudou a diminuir a dependência dos paraguaios em relação aos argentinos.

seus, e o seu domínio [grifo nosso].” (CHARTIER, 2002, p. 17). Por isso a necessidade de analisar os “discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.” (CHARTIER, 2002, p. 17).

Conforme destaca Norberto Bobbio (2013), a história das relações entre liberalismo e democracia é complexa e nem sempre convergente. Entre 1956 e 1961, as representações sobre Stroessner e seu governo como autoritários no *O Globo* indicam que a democracia era um valor entre colaboradores do jornal – e das agências internacionais de notícias publicadas pelo *O Globo*. Essa valorização da democracia era marcada pela defesa da liberdade de expressão e sobretudo de imprensa como princípios democráticos fundamentais (BIROLI, 2004, p. 228).

Contudo, o jornal por vezes tratou de forma separada a autoritária política interna paraguaia e os interesses econômicos envolvidos na aproximação entre os dois países. O apoio à aproximação endossava o discurso dos governos brasileiro e paraguaio sobre não-intervenção nos assuntos internos dos países. Além disso, o discurso anticomunista de Stroessner era compartilhado com liberais brasileiros. Esses elementos explicam a presença no jornal de representações de Stroessner e seu governo como comprometidos como a “democratização” e o “progresso” do Paraguai entre 1956 e 1961, a despeito das representações em contrário. O fortalecimento do anticomunismo na América Latina faria com que a “ordem” se impusesse sobre a democracia no discurso liberal. Segundo essa perspectiva, caberia conter o avanço do comunismo para defender a “liberdade” política e econômica. Apesar de ter feito oposição à JK, *O Globo* deu espaço à Operação Pan-Americana (OPA) proposta pelo presidente brasileiro.⁴ A OPA visava promover o “desenvolvimento” latino-americano para conter o comunismo. Não casualmente, nas páginas do jornal, encontramos o respaldo de Stroessner e seu governo à OPA.

⁴ Um dos primeiros motivos da oposição d'*O Globo* a JK foi a aliança com o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) do então vice-presidente João Goulart, um dos principais herdeiros políticos do presidente Getúlio Vargas, visto como autoritário e demagógico por setores liberais. O jornal também defendia o alinhamento com o FMI, com o qual o presidente chegou a romper relações. Além disso, se por um lado *O Globo* deu vazão ao entusiasmo gerado pela construção de Brasília, por outro responsabilizou o empreendimento pelo crescimento da inflação. Finalmente, o jornal criticou a criação do ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), no qual enxergava um foco comunista. (LEAL; MONTALVÃO).

Metodologicamente, analisamos *O Globo* como fonte e objeto.⁵ Além de levantar as representações sobre Stroessner e seu governo no jornal, o objetivo do artigo é analisá-las, comparando as diferenças e relacionando-as ao projeto editorial d'*O Globo*. Tânia Regina de Luca considera que uma das contribuições da imprensa para a História é que “(...) registra cada lance dos embates na arena do poder.” (LUCA, 2008, p. 128). Esses lances são fundamentais nas disputas de memória.

JK teve papel importante na democratização do Brasil no pós-Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e na luta contra a ditadura instaurada em 1964. Entretanto, suas relações com Stroessner destoam de memórias construídas sobre o presidente brasileiro. No site do Memorial JK, por exemplo, o presidente é definido como “(...) um homem fiel (...) *principalmente a seus princípios: verdade, justiça e democracia* [grifo nosso].” (MEMORIAL JK). Após 1964, JK foi perseguido no Brasil por uma ditadura similar àquela que seu governo ajudou a consolidar no Paraguai.

No caso d'*O Globo*, as reportagens críticas a Stroessner indicam que era de conhecimento do jornal e da imprensa liberal brasileira o que representava uma ditadura militar na América Latina em termos de liberdade de expressão – ou melhor, da falta dela –, inclusive antes da tão alegada “ameaça comunista” vinculada à Revolução Cubana iniciada em 1959.⁶ Apesar disso, *O Globo* e outros títulos identificados como liberais apoiaram o golpe de 1964 no Brasil.

⁵ Foi consultado o acervo digital do periódico, disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/>>. A palavra-chave que norteou a busca foi Stroessner no campo “Expressão ou frase exata”. Em cada ano foram encontrados o seguinte quantitativo de páginas com referência(s) ao nome do ditador: 1956 (26), 1957 (38), 1958 (50), 1959 (44), 1960 (25), 1961 (5, até a posse de Jânio Quadros na presidência do Brasil em 31 de janeiro daquele ano). O quantitativo de referências ao governante paraguaio e sua presidência foi crescente de 1956 a 1958 e, apesar da queda, se manteve representativo em 1959. Esse quantitativo indica o governo de JK como um dos principais períodos da relação entre os dois países. No decorrer do artigo, os textos provenientes de agências internacionais sem autoria indicada são referenciados conjuntamente com *O Globo*. Por vezes *O Globo* agrupava em uma mesma matérias textos de diferentes agências. As agências citadas são as norte-americanas United Press International (UP/UPI) e Associated Press (AP) e a francesa France Press (FP). Além disso, nas citações d'*O Globo*, incluímos nas referências a seção em que foram publicadas, pois cada seção tinha uma paginação própria. Contudo, há casos em que o número de uma página se repete dentro de uma mesma seção.

⁶ Apesar de a Revolução Cubana ter sido o principal exemplo de uma suposta ameaça comunista sobre a América Latina, Jacobo Árbenz Guzmán, na Guatemala, foi derrubado em 27 de junho de 1954, com o apoio dos Estados Unidos, sob a mesma alegação de promover o comunismo no país. Stroessner assumiu no Paraguai pouco mais de duas semanas após a queda de Árbenz Guzmán na Guatemala.

Alfredo da Mota Menezes destaca críticas de opositores paraguaios à proximidade de JK com Stroessner. O autor comenta que Stroessner se defendia criticando a Argentina, cujas autoridades seriam tolerantes com os exilados paraguaios que viviam no país. As representações sobre Stroessner e seu governo n'*O Globo* permitem aprofundar esses pontos levantados por Menezes e desenvolver outros exercícios de história transnacional.

Francisco Doratioto (2016), com base em documentos diplomáticos, considera que as relações entre JK e a ditadura Stroessner devem ser analisadas a partir do combate ao subdesenvolvimento, de disputas com a Argentina e de acordos e projetos que antecediam os dois governos. Esses pontos ecoaram n'*O Globo*. Contudo, o jornal também ecoou as críticas de opositores destacadas por Menezes. Doratioto menciona a perspectiva continental do combate ao subdesenvolvimento apresentada por JK; entretanto, a crítica à ditadura Stroessner também foi tratada sob essa perspectiva n'*O Globo*.

As denúncias contra Stroessner na imprensa brasileira – e de outros países – obrigaram o governante paraguaio, aliados e membros do seu governo a cortejar jornalistas e órgãos de imprensa com o objetivo de colocar em xeque as críticas – o que nem sempre deu resultado. A – controversa – Sociedad Interamericana de Prensa (SIP) teve papel de destaque nas críticas a Stroessner na imprensa internacional. A queda de ditaduras e governos autoritários em diferentes países da América Latina e o envolvimento de lideranças e setores da Igreja Católica na oposição a esses governantes, inclusive no Paraguai, alimentavam a expectativa de que a queda de Stroessner seria iminente, o que reverberou na imprensa.

Para José D'Assunção Barros, a história transnacional “não se liga a uma aversão ao nacional”, mas indica suas limitações como categoria predominante de análise. (BARROS, 2019, p. 7). Consideramos que a ênfase em uma fonte brasileira como *O Globo* não inviabiliza o exercício transnacional. Referindo-se a Micol Seigel, Barros considera que “a nação pode ser perfeitamente estudada em uma perspectiva transnacional, e estudos *transnacionais* podem se apresentar no interior de fronteiras nacionais [grifo nosso].” (BARROS, 2019, p. 7).

Além de ser representativo do liberalismo brasileiro, *O Globo* tinha expressivo alcance no período. Publicado na cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil, *O Globo* foi fundado em 1925 e, na década de 1950, se consolidava dentre os principais jornais do país. Segundo Rafael Ganster, além da importância quanto ao número de exemplares vendidos – cerca de 100 mil exemplares diários –, nos anos 1950 *O Globo* se destacava por inovações técnicas e editoriais, o que lhe tornava uma das principais referências do jornalismo brasileiro. (GANSTER, 2017, p. 45).

Além disso, o jornal já publicava um número expressivo de agências internacionais de notícias sediadas nos Estados Unidos e Europa. Ricardo Mendes e Jacqueline Ventapane (2019) relacionam as agências e a Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP) ao imperialismo. Segundo os autores, as agências ajudavam na defesa dos interesses e na promoção de uma boa imagem dos países em que estavam sediadas; a SIP, por sua vez, seria uma representante dos interesses dos Estados Unidos, pois a maioria dos veículos de imprensa que compunha a entidade era norte-americana. Contudo, a despeito das inegáveis convergências políticas em torno do liberalismo, anticomunismo e liderança norte-americana, a análise das representações sobre Stroessner e seu governo durante o mandato de JK indica que existiram variações entre *O Globo*, as agências e a SIP. No caso d'*O Globo* destacamos, ainda, que houve diferenças entre jornalistas, matérias e notas publicadas pelo jornal. Entre 1956 e 1961, Stroessner era, por um lado, um “típico ditador latino-americano”; por outro, apresentava-se gradualmente como um aliado na luta contra o comunismo. Além disso, é preciso considerar que, para além dos interesses estritamente norte-americanos, *O Globo* defendeu os interesses econômicos e políticos do Estado brasileiro e de setores liberais do país ao apoiar as relações com o Paraguai e obras como a Ponte da Amizade.

2. QUESTIONAMENTOS A STROESSNER DENTRO E FORA DO PARAGUAI

Quando JK assumiu a presidência do Brasil em 31 de janeiro de 1956, Stroessner estava no poder no Paraguai há 1 ano e 5 meses. Em maio de 1954, Stroessner derrubou o presidente Federico Chaves, seu correligionário da Asociación Nacional Republicana (ANR) – mais conhecida como Partido

Colorado. O governo foi assumido por Tomás Romero Pereira, presidente do partido, e Stroessner disputou eleições como candidato único – o que não era incomum no país.

Além de questionamentos ao processo eleitoral, o começo da ditadura de Stroessner foi marcado pelo breve exílio do presidente argentino Juan Domingo Perón no país. Perón foi derrubado por um golpe de Estado em setembro de 1955 e se exilou no Paraguai entre 2 de outubro e 2 de novembro do mesmo ano. O exílio repercutiu internacionalmente para além dos dois países, pois havia fortes críticas a Perón entre setores liberais, para os quais o governante argentino era um ditador. (SANTOS, 2021). Stroessner, ao receber Perón, atraiu as atenções e críticas desses setores, assim como da imprensa liberal. A partida de Perón não foi suficiente para conter as críticas a Stroessner e seu governo. JK assumiu a presidência do Brasil menos de 3 meses depois de Perón ter deixado o Paraguai.

Em 21 de junho de 1956, *O Globo* noticiou a chegada de Hipólito Sánchez Quell para a embaixada do Paraguai no Brasil. O novo embaixador citou o intercâmbio de professores e estudantes, a colaboração do Brasil na construção do prédio da Faculdade de Filosofia em Asunción e o desejo de que os diplomas de nível superior dos dois países fossem válidos em ambos os lados da fronteira. Sánchez Quell também destacou que os trabalhadores paraguaios teriam direitos como jornada de oito horas e salário mínimo. (*O GLOBO*, 21 jun. 1956, 1ª seção, p. 9). Assim, questões da relação bilateral são intercaladas com outras referentes à política interna do Paraguai. Não se trata de uma novidade no âmbito das relações exteriores. Contudo, diante dos questionamentos a Stroessner, é interessante destacar que Sánchez Quell representa os paraguaios como uma população dotada de direitos.

Em julho, presidentes das Américas se encontraram no Congresso do Panamá, 130 anos depois do histórico primeiro encontro entre os países da região.⁷ *O Globo* reconhece que havia “presidentes constitucionais e ditadores” no encontro, mas todos teriam “ideais americanos”, o “desejo de que haja liberdade e pão para todos os povos do Hemisfério” (*O GLOBO*, 20 jul. 1956b,

⁷ O primeiro Congresso do Panamá ocorreu em 1826 sob a convocação de Simón Bolívar. O objetivo era aproximar e fortalecer países latino-americanos recém independentes.

1^a seção, p. 9). O jornal justifica essas ditaduras como “caminhos negativos” que a “marcha para a liberdade” poderia tomar em alguns países, mas todas saberiam de sua efemeridade. (*O GLOBO*, 20 jul. 1956b, 1^a seção, p. 9). O jornal explicita que o objetivo do Congresso era “trabalhar pela unidade do Hemisfério, contra o comunismo” (*O GLOBO*; AP, 20 jul. 1956a, 1^a seção, p. 9). Assim, algumas ditaduras eram justificadas por seu caráter anticomunista. Por um lado, no Congresso, JK discursou que as tiranias não prosperariam no continente (SALES, 23 jul. 1956a, 1^a seção, p. 6); por outro, *O Globo* noticia que, em 21 de julho, o presidente brasileiro se encontrou com Stroessner no Panamá. (SALES, 23 jul. 1956b, 1^a seção, p. 6).

Em 12 de setembro, *O Globo* voltou a dar espaço a Sánchez Quell. O jornal noticiou que, na véspera, o embaixador paraguaio tinha homenageado a imprensa carioca. Segundo *O Globo*, o embaixador saudou as relações econômicas e culturais entre Paraguai e Brasil e se referiu à política interna de seu país. Garantiu que haveria “calma” e que estaria em curso um “ordenamento democrático”. (*O GLOBO*, 12 set. 1956, 1^a seção, p. 11).⁸

Apesar desse compromisso de Sánchez Quell, aliados do governo paraguaio chegaram a alegar questões culturais para explicar a política do país. Em 8 de outubro de 1956, em matéria sobre o encontro dos presidentes JK e Stroessner em Foz do Iguaçu, onde seria erguida a Ponte da Amizade, Alberto Homsi reproduziu palavras de Tomás Romero Pereira, presidente do Partido Colorado, sobre a situação interna do Paraguai. Segundo Tomás Romero Pereira, o país teria um governo nacionalista – e não fascista. “Sendo o povo paraguaio forte e impetuoso, o Governo que quiser dirigi-lo terá que ser um Governo forte.” (apud HOMSI, 8 out. 1956, 1^a seção, p. 6).⁹ O presidente da ANR ainda declarou que os partidos atuariam livremente no Paraguai, inclusive pela imprensa – menos os comunistas. Contudo, nenhum deles ainda poderia participar eleitoralmente por terem se envolvido no “golpe comunista de 1947”.¹⁰

⁸ Em 19 de novembro, *O Globo* publicou uma matéria sobre Sánchez Quell, destacando-o como um homem dedicado à literatura e em defesa da democracia. O embaixador declarou que “a arte e a cultura necessitam de um clima de liberdade para fecundar”. (apud *O GLOBO*, 19 nov. 1956, 1^a seção, p. 21).

⁹ Encontramos posição similar em 3 de fevereiro de 1960. O jornalista paraguaio Alberto Montoya Correa disse a *O Globo* que o Paraguai precisava de um “homem forte” como Stroessner “para corrigir tantos erros” e acabar com a “anarquia”. (*O GLOBO*, 3 fev. 1960, 1^a seção, p. 15).

¹⁰ Em 1947 houve uma guerra civil no Paraguai. Liberais, febreristas e comunistas enfrentaram

Não casualmente a crítica ao comunismo vem acompanhada de discurso americanista, a exemplo do que tinha marcado o encontro de presidentes no Panamá. O jornal destaca que o encontro em Foz do Iguaçu foi marcado por “exaltação pan-americana”. (HOMSI, 8 out. 1956, 1^a seção, p. 6). Tomás Romero Pereira destaca que o Partido Colorado teria “amizade inquebrantável e solidariedade incondicional a todos os povos da América.” (apud HOMSI, 8 out. 1956, 1^a seção, p. 6).

Apesar da “liberdade” dos partidos alegada por Tomás Romero Pereira, menos de um mês depois, em 7 de novembro, *O Globo* noticiou, a partir da France Press, que Rafael Franco, ex-presidente e líder do Partido Febrerista, tinha sido preso ao tentar voltar ao Paraguai. Segundo a nota, Franco foi obrigado a retornar à Argentina.¹¹ “(...) sua viagem ao Paraguai obedecia ao objetivo de comprovar se eram certas as afirmações do Governo Stroessner, de que reinavam liberdade e democracia no país.” (*O GLOBO*; FP, 7 nov. 1956, 1^a seção, p. 8).

1957 ficou marcado por uma das visitas mais importantes de Stroessner ao Brasil. O ditador paraguaio foi convidado para as comemorações da Independência brasileira em setembro. Porém, nos meses prévios, crescia a pressão internacional sobre o governo paraguaio, o que não foi um impedimento para a visita de Stroessner e o aprofundamento das relações bilaterais. Em 15 de abril de 1957, Jules Dubois noticiou n’*O Globo* que a Sociedad Interamericana de Prensa (SIP) tinha expulsado dois jornais dominicanos, aliados do general Rafael Trujillo. Trujillo tinha governado a República Dominicana (1930-1938; 1942-1952) e seguia controlando a vida política do país.¹² No mesmo texto,

a ditadura de Higinio Morínigo (1940-1948), apoiada pelos colorados. A participação dos comunistas fez com que o governo e os colorados adotassem um discurso anticomunista para justificar a repressão.

¹¹ O general Rafael Franco se destacou durante a Guerra do Chaco (1932-1935) contra a Bolívia. Em fevereiro de 1936, assumiu a presidência do Paraguai após liderar um golpe contra Eusebio Ayala (1932-1936). Ficou na presidência até agosto de 1937.

¹² O jornalista Jules Dubois era norte-americano e foi um dos principais diretores da SIP durante as décadas de 1950 e 1960. Conforme apontam Ricardo A. S. Mendes e Jacqueline Ventapane (2019), a SIP era alinhada aos interesses norte-americanos, pois havia um predomínio de periódicos dos Estados Unidos na entidade. A entidade se apresentava como defensora da liberdade de imprensa e criticava o comunismo e as ditaduras. Se por um lado a SIP permitiu aos opositores de diferentes ditaduras que as suas denúncias tivessem uma repercussão internacional, por outro, dependendo dos interesses norte-americanos, “(...) jornais pertencentes a ditadores e países nitidamente submetidos a ditaduras eram situações muitas vezes toleradas.” (MENDES; VENTAPANE, 2019, p. 155). No caso de Stroessner, acreditamos que as suas

Dubois associa Stroessner a governantes como Trujillo, Perón, Rojas Pinilla, Perez Jimenez, Siles Suazo e Somoza, cujo autoritarismo com os opositores era denunciado pela SIP. (DUBOIS, 15 abr. 1957, 1ª seção, p. 16).

Em 13 de maio de 1957, *O Globo* noticiou, a partir de agências internacionais, a queda de Rojas Pinilla na Colômbia. O jornal mencionou que, para o *New York Times*, a América Latina viveria um “crepúsculo dos ditadores” e restariam quatro no poder: “General Batista em Cuba, General Trujillo, na República Dominicana, General Perez Jimenez, na Venezuela, e General Stroessner, no Paraguai [grifo nosso].” (*O GLOBO*; AP; FP, 13 mai. 1957, 1ª seção, p. 8).

Stroessner se manifestou sobre a situação política paraguaia durante sua estada no Brasil em setembro, apesar do tom celebratório que marcou a visita para as comemorações da Independência brasileira. Antes de iniciar uma entrevista coletiva, “fez o General Stroessner questão de cumprimentar e apertar a mão de um por um dos profissionais presentes.” (*O GLOBO*, 7 set. 1957, 1ª seção, p. 6). Raul Nogués, secretário do governante paraguaio, leu uma declaração “ao povo brasileiro, através da imprensa carioca.” Na declaração foi negada a existência de presos políticos. Além disso, no Paraguai haveria liberdades de imprensa e opinião, sempre que não enveredassem “pelos caminhos da revolução fraticida, fomentada por insatisfeita minoria” (*O GLOBO*, 7 set. 1957, 1ª seção, p. 6) – uma referência aos comunistas. Segundo o jornal, Stroessner prometeu o voto às mulheres e mostrou-se otimista quanto à exploração de petróleo no Chaco, no norte do país. A exemplo do que apontamos anteriormente com o embaixador paraguaio Sánchez Quell, observa-se o intuito de conquistar uma boa relação com a imprensa estrangeira e o de associar o governo Stroessner à conquista de direitos e ao desenvolvimento econômico.

Apesar disso, ainda em 1957, uma nota da Associated Press publicada

relações com Perón contribuíram para as críticas da entidade ao seu governo. Dubois teve enfrentamentos diretos com o presidente argentino, o qual era crítico do poderio norte-americano. Um exemplo das críticas seletivas que marcam a história da SIP é dado por Juan Alberto Bozza (2019, p. 5-6): no congresso realizado em 1951 no Uruguai, a entidade condenou os meios peronistas. Contudo, as ditaduras de Anastasio Somoza na Nicarágua e de González Videla no Chile foram tratados como governos que respeitariam a liberdade de expressão e publicações ligadas ao ditador dominicano Rafael Trujillo ainda constavam como membros da entidade.

pel'O *Globo* assim se referiu às eleições presidenciais e parlamentares marcadas para fevereiro do ano seguinte. "O único candidato à Presidência é o atual chefe de Estado, General Alfredo Stroessner, escolhido pelo Partido Colorado, o único legal no Paraguai [grifos nossos]." (O GLOBO; AP, 29 nov. 1957, 1ª seção, p. 10). Em 18 de dezembro, Jules Dubois abriu espaço para o apoio do clero católico norte-americano à liberdade de imprensa e voltou a elencar Stroessner dentre os ditadores que permaneciam no poder na América Latina. (DUBOIS, 18 dez. 1957, 1ª seção, p. 20).

A propósito, o papel político da Igreja Católica na América Latina é outro fator que indica o peso de questões internacionais nas representações sobre a ditadura Stroessner. O *Globo* e as agências internacionais publicadas pelo jornal passaram a destacar a atuação de Ramón Talavera, um jovem sacerdote paraguaio que se levantou contra o governo e foi exilado. Em 10 de março de 1958, a partir da Associated Press, O *Globo* noticiou a participação de Talavera em um comício em Buenos Aires de "exilados paraguaios e os seus amigos argentinos". (O GLOBO; AP, 10 mar. 1958, 1ª seção, p. 8). Em 9 de abril, a partir da United Press, O *Globo* destacou um editorial do *New York Times* exaltando a atuação de Talavera e relacionando-o mais amplamente ao papel desempenhado pela Igreja no questionamento a ditaduras "na Argentina, Colômbia, Venezuela e Cuba" nos últimos três anos. (O GLOBO; UP, 9 abr. 1958, 1ª seção, p. 8).¹³

Em 1958, além da atuação de Talavera, outros processos internacionais marcaram a análise sobre o caso paraguaio. Em 6 de fevereiro de 1958, O *Globo* noticiou que cartas publicadas na Venezuela – onde Pérez Jiménez tinha sido derrubado no final de janeiro – demonstravam a relação de Perón com Trujillo, mas também com Stroessner, indicando como ainda repercutia o breve exílio do ex-presidente argentino no Paraguai entre outubro e novembro de 1955. (O GLOBO; UP, 6 fev. 1958, 1ª seção, p. 8). Ainda sobre a Venezuela, em 24 de

¹³ O *Globo* continuou acompanhando a trajetória de Talavera. Em 12 de dezembro de 1959, o jornal, através da France Press, destacou a denúncia feita pelo Movimento 14 de Maio – um dos principais grupos armados que atuou contra Stroessner –, segundo o qual haveria um plano para assassinar Talavera. (O GLOBO; FP, 12 dez. 1959, 1ª seção, p. 14). Em 12 de fevereiro do ano seguinte, o jornal, a partir da Associated Press, noticiou que o religioso paraguaio tinha entrado em greve de fome para ter o direito de retornar ao Paraguai. (O GLOBO; UPI, 12 fev. 1960, 1ª seção, p. 8). Para mais informações sobre Ramón Talavera e sua atuação contra a ditadura Stroessner cf. Talavera (2016).

fevereiro, O *Globo* abriu espaço para editorial da revista *Life en Español*, para a qual a derrubada de Pérez Jiménez alimentava a esperança na queda de outros ditadores como Stroessner. (O GLOBO, 24 fev. 1958, 2^a seção, p. 14).

Em 6 de março de 1958, O *Globo* publicou uma matéria sobre a primeira “reeleição” de Stroessner sob o sugestivo título “O Povo Guarani Vai à Urna Mas Não Governa Sua Terra”, escrita pelo enviado Arnaud Pierre. Logo no início, a matéria destaca que o Legislativo nacional era totalmente controlado pelo Partido Colorado e que o Partido Liberal, de oposição, tinha sido impedido de participar das eleições. Pierre se refere explicitamente ao governo de Stroessner como uma ditadura. A “estabilidade” e “paz interna” dos últimos anos teriam sido conquistadas à “custa da repressão das forças políticas contrárias.” (PIERRE, 6 mar. 1958, 2^a seção, p. 9). Apesar de denunciar a situação dos liberais, o jornalista afirma que não agiriam diferente com os colorados caso estivessem no poder. Segundo a matéria, a “longa série de ditaduras no Paraguai tornou o povo daquele país politicamente apático”. (PIERRE, 6 mar. 1958, 2^a seção, p. 9).

Ao descrever a “vida na cidade” naqueles dias, Arnaud Pierre destaca que o policiamento era “sempre muito grande” e que o noticiário sobre a eleição era “comedido”, indicando o uso da repressão e da falta de liberdade de imprensa. Com exceção de *Pátria*, jornal oficial do Partido Colorado, os demais teriam publicado somente comunicados oficiais sobre as eleições. O jornalista denuncia, ainda, o uso eleitoral da política interna e da imprensa. Três dias antes das eleições teria sido descoberta uma conspiração e um comunicado oficial foi publicado nos jornais. Segundo Pierre, “me pareceu mais uma ‘preparação psicológica’ para as eleições. Isso porque, é fácil observar aqui, o que este povo pacífico e calmo do Paraguai mais detesta é revolução.” (PIERRE, 6 mar. 1958, 2^a seção, p. 9).

Arnaud Pierre também levanta dúvidas sobre o governo de Stroessner na área econômica e social. O jornalista destaca que o Paraguai seria “quase um feudo” de “dois grupos de famílias” que explorariam as riquezas locais associadas “a capitais argentinos” e que Stroessner desejaría romper esse “círculo vicioso” aproximando-se do Brasil. (PIERRE, 6 mar. 1958, 2^a seção, p. 9). “Por isso, Stroessner está-se tornando popular, coisa que no Paraguai é um tanto raro em Chefe de Estado, tão distantes têm andado povo e governo.”

(PIERRE, 6 mar. 1958, 2^a seção, p. 9). Pierre considera que essa mudança na política externa “deu um novo alento às aspirações de progresso deste povo”, mas que o “homem comum” nada teria a ganhar caso pendesse “a balança para um lado ou para outro [refere-se às relações do Paraguai com Argentina e/ou Brasil].” (PIERRE, 6 mar. 1958, 2^a seção, p. 9).

Apesar do autoritarismo apontado por Arnaud Pierre, no mês seguinte encontramos um exemplo da abertura d’*O Globo* para as versões do governo Stroessner. Trata-se da matéria “O Paraguai e a Argentina não pensaram em romper relações”, de Carlos Lima, publicada em 17 de abril de 1958 – a qual foi um dos destaques da primeira página. Apesar de destacar o “aparato de vigilância das ruas” do Paraguai, Lima ressalta que *O Globo* foi recebido por Stroessner em apenas 24 horas. “Pedido feito, perguntas entregues e um aperto de mão *cordial* no dia seguinte, *sem maiores complicações* [grifos nossos].” (LIMA, 17 abr. 1958, 1^a seção, p. 14). Sobre os embates com opositores na fronteira com a Argentina, Carlos Lima afirma que Stroessner não se negou “a responder quaisquer das perguntas feitas pelo jornalista”. (LIMA, 17 abr. 1958, 1^a seção, p. 14). Após uma pausa nas explicações, a matéria destaca que “Serenamente, o Presidente continuou a sua narrativa [grifo nosso]”. (LIMA, 17 abr. 1958, 1^a seção, p. 14). Quanto às patrulhas policiais em Asunción, “Sem se perturbar, o Presidente respondeu” [grifo nosso] que era “natural que o Governo tomasse precauções para garantir a ordem”. (LIMA, 17 abr. 1958, 1^a seção, p. 14). A respeito das tensões entre os governos paraguaio e argentino, a matéria afirma que Stroessner “explicou com clareza” [grifo nosso] que não houve intenção de rompimento entre os dois países. Segundo Stroessner, o responsável pelo desvio de armas do Exército argentino para os opositores paraguaios tinha se suicidado e o governo argentino teria garantido que os exilados paraguaios não preparariam movimentos armados em seu território.¹⁴

Em maio de 1958, Stroessner foi o primeiro governante estrangeiro a visitar as obras de Brasília, um exemplo do estreitamento das relações entre os

¹⁴ Carlos Lima se destacava como jornalista esportivo e locutor. Apenas quatro dias depois, em 21 de abril, publicou matéria sobre a preparação da seleção paraguaia para a Copa do Mundo daquele ano da Suécia. É interessante como Lima também frisa a acessibilidade dos jogadores paraguaios, a exemplo do que fez com Stroessner. “Não houve dificuldades para o repórter conseguir a biografia dos jogadores e do técnico da seleção paraguaia (...). (...) os jogadores responderam a todas as perguntas que foram feitas (...).” (LIMA, 21 abr. 1958, Esportes, p. 6-7).

dois países naqueles anos. Em 5 de maio de 1958, *O Globo* cobriu a entrevista coletiva dada por Stroessner naquela que seria a nova capital do Brasil. A entrevista contou com uma pequena manchete na primeira página do jornal. Apesar de a manchete na capa se referir a um clima de “paz” para as eleições municipais no país vizinho – reiterando as declarações de Stroessner –, José Asmar destaca na matéria que um jornalista teria advertido na entrevista coletiva que faria uma “pergunta chocante” sobre possíveis “rebeliões internas” no Paraguai. Stroessner teria “sorrido satisfeito” e agradecido a pergunta, negando a informação e relacionando os problemas a questões policiais, desvinculando-os da política nacional. Sem citar nomes, Stroessner afirma que o “protagonista” da “ocorrência policial” recente era “um mau começo de Lampião paraguaio.” (ASMAR, 5 mai. 1958, 1^a seção, p. 3).

Apesar da negativa, outra pergunta tocou as denúncias de existência de “campos de concentração” no Paraguai. Stroessner respondeu que apenas existiriam “campos de concentração...de trabalho”, o que “dignificaria” o povo paraguaio e colocaria o país em um lugar merecido frente às “nações do Continente”. (ASMAR, 5 mai. 1958, 1^a seção, p. 3).

As matérias de Carlos Lima e José Asmar são outros exemplos do intuito de Stroessner de conquistar a imprensa ou, pelo menos, fazer frente às denúncias dos opositores. Ao comparar um opositor paraguaio com Lampião, Stroessner mobiliza um “esquema intelectual incorporado” (CHARTIER, 2002)¹⁵, conhecido dos brasileiros, na tentativa de conquistar a imprensa brasileira e, em maior medida, os seus leitores.¹⁶

Apesar dos esforços de Stroessner para conquistar a imprensa e os leitores brasileiros, em 6 de maio de 1958 – dia seguinte à matéria de José Asmar –, Jules Dubois comparou Cuba e o Paraguai sob o título “O povo em armas”. Em ambos os países o povo teria pego em armas para estabelecer a democracia. Dubois refuta o ditador cubano Fulgencio Batista, o qual acusava

¹⁵ Segundo Chartier, os esquemas intelectuais incorporados “criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado.” (2002, p. 17).

¹⁶ Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, desafiou autoridades políticas e forças policiais no Nordeste brasileiro nas décadas de 1920 e 1930. Para o Estado, Lampião e seu grupo eram considerados criminosos, promovendo saques e violência por onde passavam, o que era reproduzido por meios de imprensa. Por outro lado, setores populares passaram a associá-los a atos de justiça social.

os opositores de serem comunistas. Segundo Dubois, era uma “rebelião de um povo contra a tirania e o terror”, o qual “gostaria de ver o seu país governado pelo povo e para o povo e não por oficiais e políticos ambiciosos e corruptos.” (DUBOIS, 6 mai. 1958, 1ª seção, p. 16).

Apesar dos questionamentos à situação interna do Paraguai, em 26 de junho de 1958 encontramos um exemplo cabal de como o anticomunismo era um elemento em comum entre Stroessner e setores liberais brasileiros. Naquela data a manchete principal d’*O Globo* foi “Moscou já deu início à sua conquista da América do Sul”. O subtítulo da manchete dizia “*falso* nacionalismo, caos econômico, agitação política e ódio aos Estados Unidos, as bases do *sinistro* plano já em execução no Brasil e nos demais países da América Latina [grifos nossos].” (*O GLOBO*, 26 jun. 1958b, 1ª seção, p. 1). Ainda na primeira página, sob o título em letras garrafais “Interpretação Cabal dos Sentimentos de Todos os Povos Deste Continente”, *O Globo* destacava o apoio de Stroessner à OPA de JK. Segundo Stroessner, o presidente brasileiro destacava aos Estados Unidos “que uma minoria orientada para destruir a irmandade de nossos povos (...) frente à ameaça do comunismo internacional não representa o pensamento nem a vontade das nações” do continente. (apud *O GLOBO*, 26 jun. 1958a, 1ª seção, p. 2).¹⁷

O apoio à OPA não foi suficiente para estancar as críticas a Stroessner. Em 14 de julho de 1958, *O Globo* publicou a história do advogado brasileiro Salvador Pacheco. A matéria contou com aproximadamente um quarto de página e trouxe foto do advogado. Enquanto fazia turismo no Paraguai, Pacheco foi preso sob a acusação de contrabando de armas e “auxílio a um grupo de revolucionários guaranis.” (*O GLOBO*, 14 jul. 1958, 2ª seção, p. 17). O jornal destaca que Pacheco cruzou a fronteira com o Paraguai em Foz do Iguaçu “com seus documentos perfeitamente em ordem”. (*O GLOBO*, 14 jul. 1958, 2ª seção,

¹⁷ Em 11 de outubro do mesmo ano, véspera da “Descoberta da América” – como era celebrado o 12 de outubro –, *O Globo* voltou a dar espaço para o apoio de Stroessner à OPA em texto de José Guilherme Mendes. Mendes escreveu em um caderno especial sobre a OPA publicado em português e espanhol. Apesar de destacar o apoio de Stroessner à OPA, Mendes citou que o autoritarismo no Paraguai não atingia apenas aqueles “apontados como comunistas”. (MENDES, 11 out. 1958, Suplemento Especial Dedicado à Operação Pan-Americana, p. 39). De qualquer modo, vemos como panamericanismo e anticomunismo se entrelaçam mais uma vez, tendo sido o caderno especial sobre a OPA publicado na véspera da “descoberta” da América por Cristóvão Colombo.

p. 17). O *Globo* relata que o advogado foi preso em uma “cela de reduzidas dimensões, na qual já se achavam outros 101 detidos”. (O GLOBO, 14 jul. 1958, 2^a seção, p. 17). O jornal se refere ainda às “inenarráveis torturas” sofridas por Pacheco, qualificadas pelo advogado como “processos medievais”. (O GLOBO, 14 jul. 1958, 2^a seção, p. 17). As torturas são descritas em detalhes aos leitores, como os choques elétricos e o pau-de-arara.

A matéria destaca que ameaçaram levar Pacheco a um “campo de concentração” no Chaco, onde outros presos “desapareceram misteriosamente.” (O GLOBO, 14 jul. 1958, 2^a seção, p. 17). Conforme destacado acima, em maio Stroessner tinha negado a existência desses campos durante a visita às obras de Brasília. O advogado apenas foi solto graças à ação da Embaixada do Brasil no Paraguai. O jornal destaca que voltou ao Brasil “apenas com a roupa do corpo, toda ensanguentada, com mostras visíveis das sevícias por que passou na capital do país vizinho”, tendo deixado para trás dinheiro, pertences e documentos pessoais. (O GLOBO, 14 jul. 1958, 2^a seção, p. 17). Assim, para além das denúncias da oposição, os leitores d’*O Globo* contavam com um testemunho em primeira pessoa e de um brasileiro, sem vinculações políticas, sobre o autoritarismo existente no Paraguai.

Em 20 de agosto de 1958, José Guilherme Mendes foi enviado por *O Globo* para cobrir a segunda posse de Stroessner. A matéria, intitulada “Não tenho tempo para ser ditador – diz a ‘O Globo’ o presidente Stroessner”, contou com uma chamada na primeira página do jornal. A matéria retoma pontos já abordados pel’*O Globo* e se refere a Stroessner como “Candidato Único do Único Partido Legalmente Reconhecido”. Mendes indica como Stroessner tinha conhecimento das denúncias contra seu governo na imprensa internacional. “Gostam de apresentar-me como um ditador. Mas eu não sou ditador – assegura ele, sem que o repórter lhe falasse no assunto.” (MENDES, 20 ago. 1958, 2^a seção, p. 2). Ao ser questionado sobre as denúncias da Sociedade Interamericana de Imprensa, Stroessner respondeu que o Paraguai não tinha “maiores problemas internos ou externos” e que desejava “viver em paz e amizade” com todos os “vizinhos e irmãos, para o progresso de todos.” (MENDES, 20 ago. 1958, 2^a seção, p. 2). Mendes destaca que a vida estava “longe de ser amena para o paraguaio” e coloca em xeque as mudanças que o

porto franco de Paranaguá provocaria no país. “Fala-se no impulso que dará à economia do país a saída pelo porto paranaense de Paranaguá; porém, não se fala, com precisão, em saída de quê.” (MENDES, 20 ago. 1958, 2^a seção, p. 2).¹⁸ As promessas de abertura política são igualmente tratadas com ceticismo. Mendes relata que os liberais teriam tido a permissão de se reunirem, mas não poderiam tocar a polca do partido.¹⁹ Em conversa com um partidário de Stroessner, o jornalista reproduz um diálogo que se tornou profético:

Quando lhe perguntei se o Presidente tem direito de ser novamente reeleito, disse tranquilo:
- Claro!
- Quantas vezes?
- Indefinidamente – respondeu, pronto. (MENDES, 20 ago. 1958, 2^a seção, p. 2).²⁰

O ano de 1959 trouxe como uma de suas principais novidades a queda de Fulgêncio Batista em Cuba, o que aumentou as pressões sobre Stroessner. Em 16 de fevereiro, *O Globo* noticiou, a partir da Associated Press, que um “grupo de destacadas personalidades latino-americanas” – sem citar quais – tinha iniciado uma campanha para expulsar as ditaduras da República Dominicana, da Nicarágua e do Paraguai da Organização dos Estados Americanos (OEA), o que contava com o apoio do presidente venezuelano Rómulo Betancourt. (*O GLOBO*; AP, 16 fev. 1959, 1^a seção, p. 8).

Em 23 de março, Jules Dubois voltou a comparar os casos cubano – agora vitorioso – e o paraguaio, ainda que brevemente. Dubois associa Havana, capital de Cuba, à liberdade, para onde iam exilados de outros países antilhanos. “Fora do cenário cubano se encontram os exilados paraguaios esperançosos de poder alijar Stroessner do governo paraguaio, os quais operam em bases mais próximas, no Paraguai e na Argentina.” (DUBOIS, 23 mar. 1959, 2^a seção, p. 5).

Em 19 de outubro de 1959, *O Globo* publicou matéria de Brian Bell da Associated Press. Stroessner teria se referido à democracia como um “luxo” para

¹⁸ A concessão de Paranaguá como porto franco aos paraguaios foi importante para diminuir a dependência do Paraguai em relação aos portos argentinos. A Ponte da Amizade facilitou o acesso paraguaio a Paranaguá.

¹⁹ Polca é uma música tradicional do Paraguai.

²⁰ Stroessner se reelegeu em 1958, 1963, 1968, 1973, 1978 e 1983 recorrendo à fraude e perseguições diversas a opositores.

o qual o Paraguai não estaria preparado. No início da matéria, o governante paraguaio é chamado como “o último dos ditadores da América do Sul”. (BELL, 19 out. 1959, 1^a seção, p. 6). Sobre as denúncias de controle da imprensa e de espancamentos e torturas de opositores, Stroessner responde que o país precisaria, primeiro, construir estradas, alfabetizar e alimentar o povo antes de consolidar a democracia, o que em “breve” ocorreria graças à “estabilidade” de seu governo. “Antes de converter-me Presidente, o Paraguai tivera oito presidentes num só ano. Hoje o país está em estabilidade e franco progresso.” (apud BELL, 19 out. 1959, 1^a seção, p. 6). Questionado sobre a dissolução do Congresso meses antes, Bell ressalta que Stroessner foi “evasivo” ao prometer eleições “em breve”.

Na matéria aparecem os temas do (anti)comunismo e de Cuba. Stroessner destaca que não faria uso político do comunismo para receber a ajuda que recebia dos Estados Unidos. “Não batemos no peito alardeando anticomunismo para obtermos dólares dos Estados Unidos. Não permitimos aos comunistas agirem porque estamos convencidos de que eles estão dispostos a controlar o mundo.” (apud BELL, 19 out. 1959, 1^a seção, p. 6). Enquanto o Paraguai pediria ajuda aos Estados Unidos “cortesmente”, Fidel Castro – vitorioso em Cuba desde o início daquele ano – pediria “como se fosse um direito”. Por falar em Cuba, Stroessner foi questionado sobre as críticas de Fidel Castro ao seu governo: “deveria lavar a boca (...) ao chamar-me de ditador depois do que tem feito em Cuba, matando centenas de pessoas em julgamentos que foram uma verdadeira farsa.” (BELL, 19 out. 1959, 1^a seção, p. 6).

A matéria é outro exemplo de como Stroessner tinha conhecimento das denúncias de autoritarismo e corrupção que pesavam contra seu governo, o que obrigava o ditador a desmentidos: “Pareço um ditador? (...) quando vou trabalhar, apenas um soldado me conduz em automóvel, sem qualquer escolta. Fui eleito Presidente e estou pelo Paraguai, *sem encher os bolsos de dinheiro* [grifo nosso].” (apud BELL, 19 out. 1959, 1^a seção, p. 6).²¹

O ano de 1959 terminou com a notícia de novas ações de opositores

²¹ Em 16 de novembro de 1959, *O Globo* publicou a posição da embaixada do Paraguai no Brasil, a qual negou o teor da reportagem alegando que eleições legislativas estavam convocadas para fevereiro do ano seguinte. (*O GLOBO*, 16 nov. 1959, 1^a seção, p. 2).

contra a ditadura Stroessner. Algumas dessas ações teriam sido organizadas por exilados na Argentina. Assim como em outras ocasiões, os episódios foram marcados por “batalhas de comunicados” entre a ditadura e os opositores e por acusações do governo Stroessner a autoridades argentinas que permitiriam a organização dos exilados em seu território – o que era desmentido pela Argentina. Chama a atenção, também, a escalada da repressão naquele ano. Em 14 de janeiro, a partir da Associated Press, *O Globo* noticiou que, após a queda de Batista em Cuba, “centenas de elementos oposicionistas foram presos” no Paraguai. (O GLOBO; AP, 14 jan. 1959, 1ª seção, p. 8). Em 16 de dezembro, também a partir da Associated Press, o jornal noticiou que 25 opositores teriam sido fuzilados no Chaco na canhoneira Humaitá e outros 12 teriam sido mortos a golpes de facão em uma estação a 275 quilômetros de Asunción (O GLOBO; AP, 16 dez. 1959, 1ª seção, p. 8).²² Tanto a matéria de 14 de janeiro como a de 16 de dezembro contaram com manchetes no topo da primeira página das respectivas edições d’*O Globo*.

Os questionamentos externos e da oposição paraguaia a Stroessner não contiveram as relações entre Brasil e Paraguai. Em 21 de dezembro de 1959, *O Globo* noticiou que o chanceler brasileiro Horácio Lafer visitaria Asunción no dia 27 – a viagem se realizou apenas no ano seguinte. (O GLOBO, 21 dez. 1959, 1ª seção, p. 2). Além disso, no dia 29, em uma nota na capa, o jornal noticiou que JK, através do embaixador do Brasil no Paraguai, tinha convidado Stroessner para a inauguração de Brasília no ano seguinte. (O GLOBO; FP, 29 dez. 1959, 1ª seção, p. 1).

Já o presidente da Venezuela Rómulo Betancourt, em atrito crescente com Trujillo na República Dominicana, mostrava que Stroessner também estava na mira do governo venezuelano. Em 14 de janeiro de 1960, *O Globo* noticiou, a partir da Associated Press, que o presidente venezuelano tinha chamado seu embaixador em Asunción e se recusado a receber as credenciais do embaixador paraguaio, “que após esperar um mês por uma audiência presidencial regressou a Assunção.” (O GLOBO; AP, 14 jan. 1960, 1ª seção, p. 8).

Em relação a Cuba observa-se uma mudança na posição de Jules Dubois

²² O fuzilamento na Humaitá foi desmentido pela embaixada paraguaia no Brasil. (O GLOBO, 24 dez. 1959, 1ª seção, p. 10).

n'*O Globo*. Dubois, que antes associava a luta dos opositores de Fulgêncio Batista aos de Stroessner, passou a lamentar os rumos dos revolucionários cubanos. Em 13 de janeiro de 1960, Dubois considera que a perspectiva para o Paraguai era “sombria”, mas que continuariam a ocorrer novas ações de opositores “até que ele [Stroessner] dê ao povo do seu país a liberdade reclamada.” (DUBOIS, 13 jan. 1960, 1^a seção, p. 15). Contudo, em Cuba, estaria em curso uma “lavagem cerebral”. Segundo Dubois, Fidel Castro seria “um dos homens mais intolerantes que já governou um povo ao qual prometeu tolerância, liberdade e justiça.” (DUBOIS, 13 jan. 1960, 1^a seção, p. 15). Stroessner aproveita esse momento de inflexão sobre Cuba – do qual o texto de Dubois é apenas um exemplo – e passa a relacionar as ações contra seu governo à Cuba e à União Soviética, redirecionando gradualmente os ataques que costumava fazer às autoridades argentinas quanto à organização dos exilados paraguaios no país vizinho. Em 6 de fevereiro de 1960, *O Globo* noticiou, através da United Press, que o Paraguai denunciaria Cuba e a URSS à OEA como responsáveis pela “fracassada invasão armada ao país, em dezembro passado para depor o Presidente Alfredo Stroessner (...).” (O GLOBO; UPI, 6 fev. 1960, 1^a seção, p. 12).

Em março o chanceler brasileiro Horácio Lafer foi ao Paraguai para assinar acordos bilaterais e inaugurar uma agência do Banco do Brasil na capital paraguaia. O governo brasileiro respaldou, ainda, que o governo paraguaio cumpriria um compromisso estabelecido entre os dois países sobre o retorno da democracia ao país. (O GLOBO, 7 mar. 1960, 1^a seção, p. 3). No mesmo dia, Alberto Homsi publicou reportagem entusiasta sobre a construção da Ponte da Amizade intitulada “Determinação e heroísmo na construção da ponte entre Brasil e Paraguai.” (HOMSI, 7 mar. 1960, 1^a seção, p. 21).

A visita de Lafer foi criticada por exilados paraguaios. Em manifesto, ressaltaram a existência de exilados, o permanente estado de sítio, a falta de liberdade de expressão e as farsas eleitorais, problemas “(...) denunciados ante a consciência civilizada e democrática do Continente.” (apud O GLOBO, 22 mar. 1960, 1^a seção, p. 5). Manifestaram incompreensão com Lafer, o qual teria definido o governo de Stroessner “como de paz e progresso”. Além disso, o chanceler brasileiro teria dito que o Paraguai estaria “seguindo os princípios da

Declaração de Santiago sobre os direitos do homem.” (O GLOBO, 22 mar. 1960, 1^a seção, p. 5).²³ O manifesto dos exilados paraguaios, ao apelar à “consciência civilizada e democrática do Continente”, indica a perspectiva transnacional que marcava a luta contra a ditadura.

No final de 1960 foi concluído o arco metálico que uniu as duas extremidades da Ponte da Amizade. Tratava-se de um símbolo importante da aproximação entre os dois países. Em 17 de dezembro, *O Globo* publicou uma matéria entusiasta sobre o tema, saudando o feito como uma vitória da engenharia brasileira. (O GLOBO, 17 dez. 1960, 1^a seção, p. 13).

Dias antes, em 7 de dezembro, *O Globo* noticiou uma resposta de Stroessner à Sociedade Interamericana de Imprensa, garantindo que haveria liberdade de imprensa no Paraguai. (O GLOBO, 7 dez. 1960, 1^a seção, p. 19). A resposta foi enviada ao jornal pela Subsecretaría de Informaciones y Cultura do Paraguai, o que indica uma preocupação com a opinião pública brasileira em um momento no qual se concretizava um dos principais símbolos da aproximação entre os dois países, a Ponte da Amizade.

Em 1961, JK completou seu mandato em 31 de janeiro. Esse curto período foi marcado pela inauguração simbólica da Ponte da Amizade. No dia 27, *O Globo* noticiou a inauguração da Ponte naquele dia, a qual contaria com a presença de JK e Stroessner. O empreendimento voltou a ser destacado como uma proeza da engenharia brasileira, “possuindo o maior arco de concreto armado do mundo” e tendo sido “iniciada e terminada no prazo previsto” (O GLOBO, 27 jan. 1961, 1^a seção, p. 4) – ainda que a inauguração definitiva fosse ocorrer apenas em 1965. A Ponte aumentaria “grandemente o intercâmbio entre ambos os países, além de consolidar os objetivos da OPA.” (O GLOBO, 27 jan. 1961, 1^a seção, p. 4). No dia seguinte, a inauguração foi uma das manchetes da capa d’*O Globo*. A manchete reproduzia o apelo pan-americano que marcava o discurso anticomunista da OPA: “O destino da América Latina depende cada vez mais da união de todos os seus países”. (O GLOBO, 28 jan. 1961, 1^a seção, p. 1).

Esse final do governo de JK não foi isento de questionamentos. Em 21 de

²³ A Declaração de Santiago (1959) defendia que a harmonia entre os países americanos dependia do respeito aos direitos humanos.

janeiro de 1961, poucos dias antes da inauguração simbólica da Ponte, *O Globo* noticiou brevemente, em uma coluna dedicada ao Poder Legislativo, que o deputado Lício Hauer, do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), tinha protestado contra o novo encontro que ocorreria entre JK e Stroessner na Ponte, “salientando que isso seria interpretado como manifestação de apoio à ditadura de Stroessner”. (*O GLOBO*, 21 jan. 1961, 1ª seção, p. 9). O PTB fazia parte da coligação que elegeu JK em 1955; o vice-presidente João Goulart era do PTB.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O escritor paraguaio Augusto Roa Bastos (1917-2015) se referiu ao Paraguai como uma “ilha rodeada de terra” devido às suas particularidades como a ausência de saída para o mar e o bilinguismo espanhol/guarani. (ROA BASTOS, 1986, p. 29). A metáfora da ilha se tornou uma das mais conhecidas sobre o país e segue sendo apropriada de diferentes maneiras; uma delas para se referir ao autoritarismo da ditadura Stroessner e ao “isolamento” promovido por seu governo.

Apesar de a metáfora da ilha ser adequada para se referir aos objetivos de Stroessner, nem tudo esteve ao alcance da ditadura e o isolamento do Paraguai sob o stronismo deve ser analisado com cautela, destacando as devidas variações. As representações sobre Stroessner e seu governo no *O Globo* entre 1956 e 1961 indicam a necessidade de apreensão de processos ditatoriais como o paraguai em perspectiva transnacional. Indicam como exilados paraguaios usaram a imprensa internacional e outras entidades para denunciar os crimes cometidos pela ditadura. Indicam como a própria ditadura usou os veículos de imprensa para se defender das acusações, transformando os jornais em um palco importante de debates políticos. Esse palco foi atravessado e alimentado por outros processos transnacionais: a queda de governos ditoriais na América Latina alentava os opositores paraguaios; a atuação do padre Ramón Talavera contra Stroessner era comparada com o papel desempenhado pela Igreja na queda de outros governos; por sua vez, o anticomunismo naqueles anos de Guerra Fria e os acordos e as obras com o Brasil serviram de anteparo para a ditadura Stroessner, a qual procurava se legitimar em nome do “progresso” e da “estabilidade” política.

O *Globo*, apesar do espaço às denúncias contra Stroessner, não criticava propriamente a aproximação entre Brasil e Paraguai, pois o anticomunismo era um ponto em comum entre Stroessner, JK e setores liberal-democráticos brasileiros. Além disso, a aproximação entre os dois países e obras como a Ponte da Amizade eram vistas como oportunidades políticas e comerciais para ambos os países, especialmente para o Brasil.

REFERÊNCIAS

- ASMAR, José. Em paz, o Paraguai planeja as suas eleições municipais. **O Globo**, Rio de Janeiro, 5 mai. 1958, 1^a seção, p. 3.
- BARROS, José D'Assunção. Histórias interconectadas, histórias cruzadas, abordagens transnacionais e outras histórias. **Secuencia**, n. 103, en.-abr. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/pdf/secu/n103/2395-8464-secu-103-e1528.pdf>. Acesso em: 9 mar. 2022.
- BELL, Brian. Stroessner: “O Paraguai não está preparado para o luxo de uma democracia.” **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 out. 1959, 1^a seção, p. 6.
- BIROLI, Flavia. Liberdade de imprensa: margens e definições para a democracia durante o governo de Juscelino Kubitschek. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 24, n. 47, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/7hNhdYWmzRcMtydQ5kJNZsN/?lang=pt>. Acesso em: 19 mai. 2023.
- BOBBIO, Norberto. **Liberalismo e Democracia**. 6^a ed.; 11^a reimpr. São Paulo: Brasiliense, 2013.
- BOZZA, Juan Alberto. Periodismo de trinchera: Jules Dubois y Eudocio Ravines, alfiles anticomunistas de la Sociedad Interamericana de Prensa. XIII Jornadas de Sociología; Facultad de Ciencias Sociales; Universidad de Buenos Aires: Buenos Aires, 2019. Disponível em: <https://cdsa.aacademica.org/000-023/307.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2023.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre Práticas e Representações**. Difel, 2002.
- DORATIOTO, Francisco. O democrata e o ditador: as relações entre o Brasil de Juscelino Kubitschek e o Paraguai de Alfredo Stroessner (1954-1961). In: IV Jornadas Internacionales de Historia del Paraguay, 2014. Montevideo: 2016.
- DORATIOTO, Francisco. **Relações Brasil-Paraguai: afastamento, tensões e reaproximação (1889-1954)**. Brasília: FUNAG, 2012.

DUBOIS, Jules. 1960 não será bom ano para as ditaduras do hemisfério. **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 jan. 1960, 1^a seção, p. 15.

DUBOIS, Jules. Crepúsculo dos ditadores. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23 mar. 1959, 2^a seção, p. 5.

DUBOIS, Jules. O clero católico dos Estados Unidos em defesa da liberdade de imprensa. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 dez. 1957, 1^a seção, p. 20.

DUBOIS, Jules. O povo em armas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 6 mai. 1958, 1^a seção, p. 16.

DUBOIS, Jules. Um fato histórico para a liberdade de imprensa. **O Globo**, Rio de Janeiro, 15 abr. 1957, 1^a seção, p. 16.

GANSTER, Rafael. Industrialização e imprensa: o debate acerca da indústria automobilística durante o governo JK (1956-1961). Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2017. Disponível em: https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/7380/2/DIS_RAFAEL_GANSTER_COMPLETO.pdf. Acesso em: 13 mai. 2023.

HOMSI, Alberto. Atuam todos os povos da América como membros de uma só família. **O Globo**, Rio de Janeiro, 8 out. 1956, 1^a seção, p. 6.

HOMSI, Alberto. Determinação e heroísmo na construção da Ponte entre Brasil e Paraguai. **O Globo**, Rio de Janeiro, 7 mar. 1960, 1^a seção, p. 21.

LEAL, Carlos Eduardo; MONTALVÃO, Sérgio. **O Globo**. Disponível em: <https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/globo-o>. Acesso em: 23 jan. 2024.

LIMA, Carlos. “O Paraguai e a Argentina não pensaram em romper relações”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 abr. 1958, 1^a seção, p. 14.

LIMA, Carlos. Os paraguaios que veremos em maio. **O Globo**, Rio de Janeiro, 21 abr. 1958, Esportes, p. 6-7.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

MEMORIAL JK. Princípios de JK: verdade, justiça e democracia. Disponível em: http://www.memorialjk.com.br/pt/?page_id=15. Acesso em: 29 jun. 2023.

MENDES, José Guilherme. Não tenho tempo para ser ditador – diz a “O Globo” o presidente Stroessner. **O Globo**, Rio de Janeiro, 20 ago. 1958, 2^a seção, p. 2.

MENDES, José Guilherme. O problema fundamental do pan-americanismo é o escasso desenvolvimento de nossos países. **O Globo**, Rio de Janeiro, 11 out.

1958, Suplemento Especial dedicado à Operação Pan-Americana, p. 39.

MENDES, Ricardo A. S.; VENTAPANE, Jacqueline. Jules Dubois e a Revolução Cubana: imparcialidade da imprensa ou ação política. In: SALES, Jean; ARAÚJO, Rafael; MENDES, Ricardo; SILVA, Tiago (Org.). **Revolução Cubana: ecos, dilemas e embates na América Latina**. Aracaju: IFS, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ifs.edu.br/biblioteca/bitstream/123456789/1106/1/Revolu%C3%A7%C3%A3o%20Cubana.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2023.

MENEZES, Alfredo da Mota. **A Herança de Stroessner: Brasil-Paraguai, 1955-1980**. Campinas: Papirus, 1987.

O GLOBO. A literatura acidentada produziu um embaixador. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 nov. 1956, 1ª seção, p. 21.

O GLOBO. A situação no Paraguai, segundo a sua embaixada. **O Globo**, Rio de Janeiro, 24 dez. 1959, 1ª seção, p. 10.

O GLOBO. Abertura de maiores caminhos entre o Brasil e o Paraguai. **O Globo**, Rio de Janeiro, 12 set. 1956, 1ª seção, p. 11.

O GLOBO. “Agora já se respira melhor no continente”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 24 fev. 1958, 2ª seção, p. 14.

O GLOBO. Com a Missão Lafer Prestigiará o Brasil o Governo Stroessner. **O Globo**, Rio de Janeiro, 21 dez. 1959, 1ª seção, p. 2.

O GLOBO. Exilados paraguaios magoados com Lafer. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 mar. 1960, 1ª seção, p. 5.

O GLOBO. Fechado o arco metálico da Ponte Brasil-Paraguai. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 dez. 1960, 1ª seção, p. 13.

O GLOBO. Foi visitar o Paraguai e ficou preso quase um mês em Assunção. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 jul. 1958, 2ª seção, p. 17.

O GLOBO. Incentivo das relações culturais e comerciais entre Brasil e Paraguai. **O Globo**, Rio de Janeiro, 21 jun. 1956, 1ª seção, p. 9.

O GLOBO. Interpretação cabal dos sentimentos de todos os povos deste continente. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 jun. 1958a, 1ª seção, p. 2.

O GLOBO. Moscou já deu início à sua conquista da América do Sul. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 jun. 1958b, 1ª seção, p. 1.

O GLOBO. “Nossos corações se enchem de reconhecimento e afeto quando pensamos no Brasil”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 7 set. 1957, 1ª seção, p. 8.

O GLOBO. O Congresso do Panamá. **O Globo**, Rio de Janeiro, 20 jul. 1956b, 1ª

seção, p. 9.

O GLOBO. O destino da América Latina depende cada vez mais da união de todos os seus países. **O Globo**, Rio de Janeiro, 28 jan. 1961, 1ª seção, p. 1.

O GLOBO. O Legislativo em ação. **O Globo**, Rio de Janeiro, 21 jan. 1961, 1^a seção, p. 9.

O GLOBO. Refutadas acusações ao governo paraguaio. **O Globo**, Rio de Janeiro, 16 nov. 1959, 1^a seção, p. 2.

O GLOBO. Regressou a missão que foi ao Paraguai. **O Globo**, Rio de Janeiro, 7 mar. 1960, 1^a seção, p. 3.

O GLOBO. Será inaugurada hoje a ponte Brasil-Paraguai. **O Globo**, Rio de Janeiro, 27 jan. 1961, 1^a seção, p. 4.

O GLOBO. Stroessner acha o Paraguai pronto para a democracia. **O Globo**, Rio de Janeiro, 3 fev. 1960, 1^a seção, p. 15.

O GLOBO. Stroessner garante que existe liberdade de imprensa no Paraguai. O **Globo**, Rio de Janeiro, 7 dez. 1960, 1^a seção, p. 19.

O GLOBO; AP. Comício em Buenos Aires contra a ditadura de Alfredo Stroessner. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 mar. 1958, 1ª seção, p. 8.

O GLOBO; AP. Condenação às três ditaduras sobreviventes no hemisfério. **O Globo**, Rio de Janeiro, 16 fev. 1959, 1^a seção, p. 8.

O GLOBO; AP. Do Panamá, será o mundo advertido sobre a ameaça dos totalitários. **O Globo**, Rio de Janeiro, 20 jul. 1956a, 1ª seção, p. 9.

O GLOBO; AP. Eleições gerais no Paraguai. **O Globo**, Rio de Janeiro, 29 nov. 1957, 1^a seção, p. 10.

O GLOBO; AP. No recesso das florestas prossegue a rebelião do Paraguai. O **Globo**, Rio de Janeiro, 16 dez. 1959, 1ª secção, p. 8.

O GLOBO; AP. O embaixador venezuelano em Assunção chamado a Caracas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 jan. 1960, 1^a secção, p. 8.

O GLOBO; AP. Teria deflagrado um movimento revolucionário no Paraguai. O **Globo**, Rio de Janeiro, 14 jan. 1959, 1^a secção, p. 8.

O GLOBO; AP; FP. Mais de cem vidas custou à Colômbia a queda do ditador. **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 mai. 1957, 1^a secção, p. 8.

O GLOBO; FP. Continua fechada a fronteira entre o Paraguai e a Argentina. O **Globo**, Rio de Janeiro, 7 nov. 1956, 1^a secão, p. 8.

O GLOBO; FP. Convite de Kubitschek a Stroessner. **O Globo**, Rio de Janeiro, 29 dez. 1959, 1^a seção, p. 1.

O GLOBO; FP. Seria assassinado o padre R. Talavera. **O Globo**, Rio de Janeiro, 12 dez. 1959. 1^a seção, p. 14.

O GLOBO; UP. O “New York Times” focaliza a “intranquilidade no Paraguai”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 9 abr. 1958, 1^a seção, p. 8.

O GLOBO; UP. Publicadas em Caracas missivas trocadas entre Perón e Trujillo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 6 fev. 1958, 1^a seção, p. 8.

O GLOBO; UPI. O padre Talavera faz a greve da fome. **O Globo**, Rio de Janeiro, 12 fev. 1960, 1^a seção, p. 8.

O GLOBO; UPI. O Paraguai faria denúncia contra Cuba e a URSS. **O Globo**, Rio de Janeiro, 6 fev. 1960, 1^a seção, p. 12.

PIERRE, Arnaud. O povo guarani vai à urna, mas não governa sua terra. **O Globo**, Rio de Janeiro, 6 mar. 1958, 2^a seção, p. 9.

ROA BASTOS, Augusto. Paraguay: una isla rodeada de tierra. **El Correo de la UNESCO**, 1986. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000069117_spa. Acesso em: 13 dez. 2023.

SALES, Mauro. Hora de defender e consolidar a imperecível obra de Bolívar. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23 de jul. 1956a, 1^a seção, p. 6.

SALES, Mauro. O Brasil nada foi pedir na conferência do Panamá. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23 jul. 1956b, 1^a seção, p. 6.

SANTOS, Rodolpho Gauthier Cardoso dos. **A Construção da Ameaça Argentina**: a oposição a Perón na imprensa brasileira (1945-1955). São Paulo: Intermeios, 2021.

TALAVERA, Isel Judit. **Primaveras del Pensamiento Paraguayo**: ideários pacifistas e integracionistas en el sacerdote Ramón Talavera (1950-1960). Mestrado (Integração Contemporânea da América Latina) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Foz do Iguaçu, 2016. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/1699>. Acesso em: 7 ago. 2023.

Recebido em 09-04-2024

Aprovado para publicação em 08-11-2024